

A MORTE DO "CORONÉ LUDUGERO"



**Autores: RODOLFO COELHO CAVALCANTE
e MANOEL D'ALMEIDA FILHO.**

Morte do "Coroné Ludugero"

A morte é uma "sorte grande"
Que se tem como certeza
Para não tirar o prêmio
Ninguém encontra defesa,
Ou mais perto ou mais além,
Quando não se espera vem
O bilhete da surpresa.

Foi a catorze de março
Que partiu do Maranhão
O "Coroné Ludugero"
No fatídico avião,
Com destino ao extremo norte
Para receber a sorte
Da sua consumação.

Com o "Coroné Ludugero"
Seguiam na caravana
"Atrope" e outras pessoas
Quando a morte desumana
Pelos mares do Pará
Já rondava para dá
Sua sentença tirana.

Seguiam sempre cantando
Em morte ninguém pensava
Na T. V. Marajoara
A multidão esperava,
Todos naquele ambiente
Cantavam alegremente
Enquanto o tempo passava.

Faltando só um minuto
Para o avião tocar
Na pista do aeroporto,
Embicou, tocou no mar,
Os passageiros sentiram
Tremendo choque e se viram
Sacudidos pelo ar.

Nessa hora foram ouvidos
Gemidos, gritos de dor
Com pedidos de socorro
E preces ao Criador,
Só pensando no porvir,
Todos queriam sair
Daquele quadro de horror.

Nesse momento dramático
Até as ondas choravam,
Uns já mortos outros vivos
por sôbre as águas boiavam,
Sômente os vivos lutando,
Os mortos iam afundando,
Quando os socorros chegavam.

De todos os passageiros
Só quatro não pereceram
Apesar de bem feridos,
Ainda sobreviveram ;
Os demais longe jogados,
Sem sentidos, mutilados,
Nas águas do mar morreram.

Quando a notícia explodiu,
Os rádios anunciaram
Em tôdas as direções
Vários jornais publicaram
A morte do humorista,
Lamentando o seu artista
Muitas pessoas choraram.

Muitos dias, homens rãs
Procuraram sem cessar
Os corpos dos que morreram
Sòmente foram encontrar
Uns chegando pelas margens
Outros presos nas ferragens
Nas profundezas do mar.

Sòmente dessa maneira
Foi Ludugero encontrado
Depois de reconhecido
O corpo foi trasladado
À sua terra natal
Chegando na capital
Aonde estava esperado.

Quando chegou ao Recife
O corpo do grande artista
Três dias foi visitado
Por todo o povo nortista
Depois foi acompanhado
A Caruaru levado
O mais famoso humorista.

Trinta e um de março foi,
Em sua terra natal,
Feito o seu sepultamento
No cemitério local,
Deixando em sua cidade
A mais eterna saudade
Na alma do pessoal.

"Atrope" que também foi
No desastre vitimado
Entre os demais passageiros
Foi o seu corpo encontrado
Por todos reconhecido
E depois de conduzido
Em sua terra enterrado.

Do grupo de "Ludugero"
Só se salvou uma atriz
Que descreveu a tragédia
Como escapou por um triz
Foi Testemunha de vista
Da caravana humorista
Sòmente ela foi feliz.

"Ludugero" não morreu,
No passado e no porvir
Os seus discos continuam
Fazendo o povo sorrir
Do Rio Grande ao Pará
Assim continuará
Enquanto o mundo existir.

“Ludugero” estava sendo
Pelos seus talentos mil
O artista mais famoso
E querido do Brasil
Como humorista agradava
E no rádio se firmava
Pelo talento viril.

Mas a morte é traiçoeira
Que não respeita ninguém
Se ela matou Jesus Cristo
Um dia em Jerusalém
Num ato injusto, sincero,
Matou nosso “Ludugero”
Nos mata amanhã também.

“Felomena” ficou triste
Pelo velho que morreu,
Até hoje tem chorado
Por tudo que aconteceu
Mas “Ludugero” hoje canta
Aos pés da Virgem Santa
Que no céu o acolheu.

Hoje por certo o artista
Na morada do Senhor
Conversa para o ATROPE
Traumatizado de dor;
—“Atrope” só tenho pena
De morrer sem “Felomena”,
Minha “véia”, meu amor.

“Atrope” por certo diz :
—“Coroné” tenha mais calma,
Morre o corpo e o espírito
No céu bate a sua palma
Pode crer não estou triste,
Sei que a morte não existe,
Pior se morresse a alma!

—Eu sei “Atrope”, eu bem sei...
Mas fico morto de pena
De ter deixado na terra
Minha “véia Felomena”
Eu estou quase maluco
Saudades de Pernambuco
Minha dor não é pequena!

Como “Ludugero” era
O passarinho canoro
De um povo sofredor
Que diz soluçando: Eu choro,
“Ludugero” com o seu canto
Sempre enxugava o meu pranto
Por isso mesmo o adoro!

Todo artista neste mundo
É um mensageiro divino
Barnabé, Francisco Alves,
Noé Rosa, Celestino,
Pois todos foram enviados
Para dar os seus recados
Pela força do destino.

“Ludugero” também veio
Com uma divina missão
De alegrar nosso Brasil
Quando havia precisão,
Êsse povo que sofria
Em “Ludugero” sentia
O prazer no coração.

Nas feiras livres se viam
Os humildes vendedores
Ligando os Altos-Falante
Como artistas de valores,
“Ludugero” conversando
E “Atrope” lhe perguntando...
Frente aos admiradores.

“Ludugero” não soltava
Uma palavra indecente
Mesmo o “RABO DO JUMENTO”
Trazia alegria a gente,
Era o “Croné” cantando
E o nordestino matando
A sua mágoa pungente.

O nome de “Ludugero”
De Goiás ao Maranhão,
Do Pará ao Mato Grosso
Era dizer: diversão,
Era a paz, era a alegria,
Pois tudo nêle se via
A encarnação do sertão!

Hoje "Ludugero" está
Com "Atrope" na Mansão
Arrodeado de Anjos
Improvizando baião
E contando nova história
No santo Reino da Glória
Onde não existe avião.

A "Felomena" pedimos
Que tenha consolação,
Quando um bom artista morre
Fica a terra em aflição.
Porém, o céu de contente
O festeja alegremente
Para dá-lhe a Salvação.

Realizei finalmente
O meu ode sertanejo,
Dizendo que "Ludugero"
O genial do gracejo,
Tevou o Brasil na alma,
Fico a êle dando palma
O mais tudo-lhe desejo.

A morte perdeu o seu tempo
Ludugero está na Glória,
Morreu alegre cantando
E levou sua memória.
Illuminado por Deus,
Deixou com os discos seus
A sua eterna vitória.